



NÓ PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Terá lugar sábado

JORNADA NACIONAL EM HOMENAGEM AO CAMARADA FRANCISCO MENDES

De acordo com as decisões do Secretariado do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC terá lugar no próximo sábado, dia 15, à escala nacional, uma jornada de homenagem à memória do nosso saudoso camarada Francisco Mendes. Desta jornada nacional farão parte reuniões evocativas, tanto em Bissau como em todos os pontos do nosso país, nos locais de trabalho, nos bairros e nas sedes dos sectores.

Transcrevemos seguidamente, na íntegra, um comunicado do Secretariado do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC:

Camaradas!

Expressando a profunda dor sentida por todos os militantes do PAIGC e pelo nosso povo, duramente atingidos pelo trágico desaparecimento do saudoso camarada Chico Té, o Comité Executivo da Luta, na sua Declaração de 8 de Julho, exortou as organizações partidárias a realizarem, à escala nacional e a todos os níveis, actos de homenagem ao Herói Nacional Francisco Mendes, figura que perdurará na memória e nos corações de todos os

filhos das nossas terras.

No cumprimento desta palavra de ordem, o Secretariado do Conselho Nacional da Guiné decidiu fazer do próximo sábado, dia 15, em todo o país, uma jornada de homenagem ao nosso querido companheiro de luta, e dirigente exemplar do Partido e do povo, Chico Té.

Assim, nas regiões do interior da nossa terra, membros da Direcção do Partido estarão presentes em concentração populares a terem lugar nas sedes

dos sectores, as quais devem ser preparadas desde já.

Na cidade de Bissau, nas fábricas, repartições, escolas, as estruturas partidárias e sindicais devem fazer e afixar imediatamente jornais de parede dedicados à figura, à vida e ao exemplo do camarada Francisco Mendes. Também na capital, no sábado, realizar-se-ão reuniões de homenagem.

De manhã, a partir das 11 horas, nos locais de trabalho, com os trabalhadores, e de tarde, pelas 16 horas, nos bairros, com as populações, sendo as mesmas organizadas pelos comités do Partido ou pelas estruturas sindicais.

O Secretariado do CNG vai editar e distribuir uma brochura reunindo alguns textos sobre o camarada Francisco Mendes. Fotografias suas serão igualmente distribuídas para serem co-

locadas — juntamente com bandeiras, dísticos, cartazes — nos locais onde decorrerão, no sábado os actos de homenagem.

Vamos, pois, camaradas, honrar a memória do nosso querido e inesquecível camarada Chico Té, com uma jornada de evocação e saudade, no próximo sábado, dia 15, em todo o país!

Vamos reforçar a actividade do nosso grande Partido, consolidar as estruturas partidárias e estatais e intensificar as nossas acções no cumprimento das tarefas da Reconstrução Nacional.

Glória eterna ao Herói Nacional Francisco Mendes, combatente glorioso do PAIGC e filho digno do do nosso povo!

Viva o PAIGC, força, luz e guia do nosso povo na Guiné e Cabo-Verde!

Sahara Ocidental

Polisário decide cessar-fogo temporário na Mauritânia

ARGEL — A Frente Polisário decidiu um cessar-fogo temporário e unilateral no território mauritaniano, no seguimento do golpe de estado registado na madrugada de segunda-feira em Nouakchott. Esta decisão foi anunciada numa mensagem de Bachir Mustapha Sayed, secretário-geral adjunto da Polisário, lida às agências de imprensa internacionais em Argel.

«A guerra expansionista contra o povo sahraoui é a causa de todos os problemas na nossa região, indica esta mensagem. Os povos saharauis, marroquinos e mauritanianos sofreram bastante as suas consequências injustas e criminosas». «A transformação que se opera na Mauritânia é sinal de que os povos não podem

permanecer muito tempo na resignação e ser vítimas da teimosia de responsáveis anti-nacionais.»

«Estamos também seguros de que uma situação mais grave prevalece no Marrocos e que não é impossível aos patriotas marroquinos ultrapassá-la».

(Continua na pág. 8)

OUA: Conselho de ministros examina as questões do Zimbabwé, Canárias, Reunião e Próximo Oriente

KARTUM — Prossegue na capital sudanesa a conferência ministerial da OUA que prepara a cimeira dos chefes de Estado, a realizar ainda este mês. Ontem, o conselho de ministros examinou o relatório do Comité de Libertação respeitante ao problema do Zimbabwé, evocou as questões das ilhas Canárias e da Reunião, e debruçou-se também sobre os problemas do Próximo-Oriente.

Dirigindo-se ao conselho de ministros da OUA, reuni-

do em sessão plenária, o representante da Frente Patriótica do Zimbabwé censurou antontem a Grã-Bretanha por falta de vontade de e reafirmou a vontade de participar numa conferência com vista a um regulamento negociado na Rodésia.

O representante da Frente Patriótica sublinhou que «a luta armada deve prosseguir no Zimbabwé pois os anglo-americanos não

(Continua na pág. 8)

"Com a OUA a Africa forjou um instrumento que poderia ter evitado a situação que nós vivemos"

— Aristides Pereira à France Presse

As responsabilidades do desenvolvimento das crises africanas entre as quais a do Shaba, foi sublinhada pelo camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República irmã de Cabo Verde.

O camarada Aristides Pereira, numa entrevista concedida à France Presse por ocasião do terceiro aniversário da independência de Cabo Verde, declarou que «toda uma situação antiga, que hoje se reflecte nos acontecimentos do Shaba, se deveu à iniciação da Organização da Unidade Africana. Em 1963, ao criar a OUA, explicou o camarada Aristides Pereira, «Africa forjou um instrumento que poderia ter evitado a situa-

ção que nós vivemos».

«Infelizmente, precisou o Presidente da República de Cabo Verde, «nos últimos anos, a OUA não desempenhou convenientemente as suas tarefas para evitar os conflitos e desempenhar assim o seu papel».

«Nestas condições, prosseguiu o camarada Aristides Pereira, cada país é livre de fazer face como entender os seus problemas de soberania. Livre, em caso de agressão, de chamar seja quem for. Mas seguimos assim um caminho que pode tornar-se perigoso. Se não conseguirmos resolver problemas africanos entre africanos, se cada um chama um amigo podemos hipotecar as vitórias alcançadas desde 1963».

A propósito da eficiência de uma força inter-africana, o camarada Aristides Pereira indicou que «quando estivemos em guerra na Guiné-Bissau contra Portugal, foi levantada a questão de criar uma força inter-africana para nos ajudar, mas o PAIGC recusou porque estimávamos que nós mesmos é que devíamos combater pela nossa independência. É preciso igualmente considerado a inviabilidade de uma força deste género, do ponto de vista técnico, — acrescentou o camarada Aristides Pereira, que salientou: «Estimamos que, se cada país está à altura de solucionar os seus problemas internos e se a

(Continua na página 8)

Comandante Nino Vieira em Bissau

Por motivo do trágico desaparecimento do nosso saudoso camarada Francisco Mendes, regressou na passada terça-feira da República Socialista de Cuba João Bernardo Vieira, membro da Comissão Permanente do CEL do Partido, Presidente da Assembleia Nacional Popular e Comissário de Estado das Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

Acompanhava o camarada Nino, Honório Chantre, do CEL e Secretário-Geral do mesmo Comissariado.

Recorda-se que os dois dirigentes do Partido se tinham deslocado a Cuba em Missão de serviço.

Pelo mesmo motivo chegou igualmente à nossa capital, Victor Saúde Maria do CEL e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros que se encontrava em Kartum a assistir à reunião ministerial da Organização de Unidade Africana.

S. Tomé e Príncipe Trés anos de independência

★ Luiz Cabral felicita Pinto da Costa

S. TOMÉ — Coincidindo com a passagem do terceiro aniversário da independência de S. Tomé e Príncipe, está a decorrer nesta cidade uma assembleia do partido nacional (MLSTP). Segundo fontes oficiais, trata-se da mais importante manifestação política desde que, em 12 de Julho de 1975, foi constituída a República Democrática.

A assembleia, que não é aberta a participantes estrangeiros, tem por finalidade a reestruturação do MLSTP, por forma a adaptá-lo às realidades actuais e a constituir «a base de

uma nova unidade de todos os sãc-tomenses interessados numa profunda transformação socio-económica do país».

Após a independência o país prosseguiu uma política externa de relações privilegiadas com o Gabão, Estado mais próximo.

No entanto, já nos finais do ano passado se descobriam algumas dificuldades nos laços com o regime de Omar Bongo, dificuldades essas que eram acompanhadas por actuações internas que visariam «destabiliza-

(Continua na página 8)

Herói do Povo

De arma nas mãos
Soubeste enfrentar
A morte, constantemente
Até à expulsão total
Dos que te oprimiam
E exploravam
O teu povo

Desde os tempos
Da gloriosa luta de libertação,
Soubeste incitar os teus camaradas
De que só com a expulsão
Dos colonialistas
É que o nosso povo,
Conhecerá a verdadeira liberdade
Liberdade de África
Da tua África que sempre amaste
E soubeste defender

Eis que o traçoero
Destino te priva,
Dos teus anseios de sempre
De fazer da tua pátria
Um lugar de felicidade
E progresso,
Para o teu povo

Para quê chorar-te?
Os homens não devem chorar!
Tudo quanto fizeste,
Ficará para sempre
Na história de África,
E de todos os povos
Amantes da Paz

Vitória para o imperialismo?
Não!... Nunca e jamais!
O imperialismo não poderá destruir
A obra dos verdadeiros
Filhos de África!...

Jorge Estêvão da Silva

Traição ao desporto

A influência de figuras anónimas junto aos dirigentes de alguns clubes do nosso país e das equipas de arbitragem, são os principais responsáveis pela traição ao nosso desporto e ao nosso Governo que tantos esforços tem envidado no sentido de o fazer progredir mais e melhor.

O Conselho Superior dos Desportos deve tomar medidas imediatas para pôr termo às incitações e sabotagens verificadas ao longo deste campeonato que o fez perder todo o interesse.

A Federação, de certo modo, tem contribuído para as anomalias ocorridas em determinados jogos, porque nunca tomou qualquer iniciativa pelos incidentes verificados nos desafios, principalmente no interior do país, onde se têm dado casos lamentáveis como agressões, insultos e outros maus tratos que os atletas suportam sem lamentações.

Quanto aos resultados verificados nos jogos em Bula e em Tombali os clubes devem ser castigados e os dirigentes chamados à responsabilidade pelo desprestígio ao desporto da nossa jovem República.

Mirandela

TELEGRAMAS DE CONDOLÊNCIAS

Continuam a chegar à direcção do nosso Partido e Estado mensagens de condolências enviadas por diversas personalidades políticas, organizações internacionais e nacionais, estudantes da Guiné-Bissau no estrangeiro, corpo diplomático

do país acreditado no exterior.

No entanto, muitas outras individualidades amigas se juntam igualmente ao nosso povo neste momento trágico na vida do país, devido ao desaparecimento do saudoso Herói Nacional, cama-

rada Francisco Mendes, enviando os seus pésames.

Saliente-se que até ao momento do fecho do nosso jornal, de entre as mensagens enviadas pelos chefes de Estado africanos figuram as dos presidentes do Conselho da Revolução e da

República da Argélia, Houari Boumediene, Didier Ratsiraka, da República Democrática de Madagáscar, da República Unida dos Camarões, de Mohamed Abdellaziz, Secretário-Geral da

(Continua na página 8)

Amanhã já haverá gasolina em todo o País

A partir de amanhã, dia 14, voltará a proceder-se em todo o país, à venda livre de combustível, de cuja escassez vinha sofrendo desde o dia 29 do mês passado, informou-nos o Director-Geral da Sociedade Distribuidora de Combustíveis e Lubrificantes Limitada (Dicol), camarada Waldemar Oliveira.

A escassez de gasolina super e normal tinha sido originada pela avaria de um petroleiro (Sacor) que trazia combustível para o nosso país e que deveria chegar a Bissau desde o dia 15 de Junho.

Entretanto, ultimamente

per foi acentuada com o abastecimento deste produto às viaturas que usavam gasolina normal e que sem outra alternativa, recorreram às bombas de abastecimento da super, pois, a gasolina normal já vinha faltando há mais tempo. Admite-se no entanto, que alguns elementos tenham praticado açambarcamento do produto.

Por outro lado tem circulado alguns boatos em Bissau que a falta de gasolina deve-se ao facto de os consumidores saberem do aumento do preço da gasolina de 12 pesos para 16

pesos antes de ter sido anunciado oficialmente. Isto levou a que muitas pessoas comessem a comprar este combustível desenfreadamente sem que a Dicol assumisse as suas responsabilidades de controle.

Recorde-se no entanto, que não é a primeira vez que este produto falta no nosso país. No ano passado por esta altura não houve gasolina super o que foi originado pela vinda de um navio com menos tonelagem do que a suficiente para cobrir as nossas necessidades.

Representante da UNTG regressa da Bulgária

No passado dia 7, regressou da Bulgária, o camarada Salvador Luíz Fernandes, chefe do Departamento de Educação Operária e Formação de Quadros da UNTG, depois de ter assistido a um estágio de Socialismo naquele país.

Este seminário, que teve a duração de 10 meses, enquadrava-se nos laços de amizade e cooperação existente entre o nosso país e a República da Bulgária.

Novos preços para aguardente de cana

Foram fixados os seguintes preços a praticar na comercialização interna da aguardente de cana sacarina, a partir de segunda-feira passada, dia 3 de Julho do corrente ano: preço de compra da aguardente ao produtor, em todo o país, 70 pesos ao litro; preço de compra ao grossista, 90 pesos por litro; e preço de venda ao público, em todo o país, 100 pesos por litro.

Este novo aumento de preços de compra e venda da aguardente de cana, feito pelo Commissariado de Estado do Comércio e Artesanato, de acordo com as

atribuições que lhe são conferidas pelos artigos 2.º e 3.º do Decreto n.º 21/77, de 14 de Maio de 1977, tem como finalidade, actualizar os preços da aguardente de produção local de modo a acompanhar o aumento dos respectivos custos de produção, e dos impostos que sobre ela incidem.

O Commissariado do Comércio faz ainda saber que, toda a produção de aguardente deve ser manifestada à Direcção-Geral do Comércio Interno e entregue aos Armazéns do Povo, sendo a sua distribuição condicionada a uma prévia autorização do mesmo Commissariado.

Cooperação com o Brasil

A Embaixada do Brasil em Bissau entregou ontem à tarde às autoridades ligadas ao Commissariado de Estado da Agricultura e Pecuária, cerca de 47 quilos de sementes de milho, feijão, soja, centrosema e calopogonium (sementes para torragens), concretizando desta maneira uma parte da pauta de cooperação técnica entre o Brasil e a República da Guiné-Bissau.

Recorde-se no entanto que, durante a visita oficial que o camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, fez ao Brasil, em Maio último, ficou decidido que, no âmbito da cooperação técnica entre os dois países, o Governo brasileiro enviaria à Guiné-Bissau entre outros, sementes de cereais e forrageiras para experimentação.

Entrega de receitas do Estado

O camarada Armando Barreto Forbs, presidente do Comité de Estado do sector de Mansoa, procedeu à entrega das receitas do imposto de reconstrução nacional e de outras cobranças da referida vila, no passado dia 7 em Farim, sede da região de Oio.

Entretanto, Armando Forbs assistiu ainda à reunião dos responsáveis locais, presidida pelo camarada Irénio Nascimento Lopes, do CSL do Partido e presidente da região.

Responde o Povo

Qual a sua opinião acerca da viação na nossa terra?

Como se sabe, os desastres na estrada têm sido muito frequentes.

A polícia de trânsito tem andado a cumprir a sua missão fiscalizando os carros, com o objectivo de detectar condutores sem carta de condução. Mas, parece que não é esse o problema essencial.

Segundo um inquerido, do nosso número de hoje, conduzir sem carta é grave, mas sem responsabilidade é ainda muito pior. Pensamos que realmente assim é. Quando se pega num veículo, devemos ter a consciência de que não somos só nós que andamos nas estradas. Por isso, devemos respeitar os sinais de trânsito pois assim respeitamos a nossa própria vida e a dos novos semelhanças. Se resolvermos todos andar com pressa na estrada somos capazes de em dois dias matar-nos uns aos outros.

Mamadú Djaló, 22 anos — é uma situação que deve ser indetificada pela Polícia de Trânsito.

Mas, acontece que às vezes mesmo com a polícia a fiscalizar, há muita gente que desobedece aos sinais de trânsito.

Eu penso que essas pessoas são as que não têm prática de condução e andam a conduzir sem carta. Outros conduzem com carta mas em estado de embriaguês. Toda esta situação vem gerar os desastres, que têm sido frequentes ultimamente no nosso país. Há pessoas que conduzem sem noção de responsabilidade do que estão a fazer. Há os que, mesmo com muita gente nas estradas, andam com uma velocidade louca.

Isto é um problema em que a polícia deve debruçar-

se. Esses indivíduos devem ser castigados consoante a lei.

Existe ainda outra coisa. A operação STOP, não deve ser feita só nos sábados. Esses fora da lei sabendo que isso só se faz nos sábados, aproveitam essas alturas para não fazerem as suas malandricas. Ou então saem mais cedo e escapam-se. Penso que esta operação deve-se fazer todos os dias. Isso é que controle. Pois morre muita gente, por causa da falta de atenção e responsabilidade de muitos condutores. Eu não quero fazer uma afirmação mas preciso que há muita gente a conduzir sem ter a carta de condução. Não

quero com isto dizer que as pessoas que não têm carta não sabem conduzir. Porque muitas vezes, acontece absolutamente o contrário. Pessoas com a carta de condução nas mãos e sem terem a mínima noção do que é conduzir. Para evitar prejudicar a própria pessoa e as que estão a andar nas ruas acho que se devem tomar medidas urgentes.

ANTES NÃO PUSESSEM AS MAOS NO VOLANTE

Agostinho Djú, Estudante. — A minha opinião quanto a isso é muito vaga, visto eu não saber, con-

duzir. Mas na verdade há muita gente que antes não pusessem as mãos no volante. Muitos coitados já morreram em desastres. Outros saem de casa, vão a andar no passeio, chega um carro e atropela-os. Eu não tive oportunidade de ver o desastre que ocorreu há algumas semanas na transversal da UDIB, mas com os destroços que ali restavam, posso dizer que foi por sorte não haver no momento ninguém a passar porque senão seria o fim.

"A solução definitiva para o problema da emigração e o desenvolvimento económico de Cabo Verde"

— Director-Geral da Emigração sobre Encontro de Emigrantes (Conclusão)

Concluimos neste número a publicação da entrevista concedida pelo director-geral da Emigração, Santos Silva, ao semanário «Voz di Povo», na qual aborda questões relacionadas com a realização, ainda este mês, do I Encontro das Comunidades Emigradas, a ter lugar em S. Vicente. O responsável pela Emigração enumerou ainda nas suas declarações os principais problemas que se põem ao emigrante caboverdiano no estrangeiro e as medidas tomadas pelo Governo caboverdiano com vista a uma melhor assistência às comunidades emigradas.

Falando ainda daquilo que chamou «reencontro na fonte», o director-geral da Emigração afirmaria que a «solução definitiva para o problema da emigração é o desenvolvimento económico de Cabo Verde» e que «da nossa capacidade de encontrar solução para os problemas que mais preocupam a nossa emigração dependerá o maior ou menor engajamento dos emigrantes no processo de desenvolvimento de Cabo Verde».

Situação diversa poderá ser encontrada em África, e particularmente, nas antigas colónias portuguesas.

Não vamos entrar em pormenores. Cada tipo de emigração implica consequências diversas, mesmo a nível da sua participação efectiva ou possibilidades de participação na economia nacional, conforme é fundamentalmente um tipo de emigração individual ou com um índice mais ou menos elevado de reagrupamento familiar no país de acolhimento.

Voltando à última parte da sua pergunta podemos afirmar que o Encontro que pretendemos promover em S. Vicente terá necessariamente de ter o seu reflexo político e cultural. Político na medida em que altos responsáveis do nosso governo deverão pronunciar-se sobre as nossas grandes opções e os seus reflexos na nossa política de emigração. Cultural, na medida em que corresponderá, a um «reencontro na fonte» de pessoas que devido à sua prolongada permanência no exterior se submeteram a todo um processo profundo de «desculturação» em relação aos nossos próprios valores culturais.

Os principais temas a serem abordados no Encontro serão definidos em função do seu interesse para a emigração. Problemas de política externa e a sua relação com a emigração, problemas de política interna, a situação económica e social em Cabo Verde, o papel da emigração na reconstrução nacional, o PAIGC como força dirigente da sociedade, são alguns dos temas que pela sua importância serão necessariamente abordados.

VV — Como se farão representar as diversas comunidades espalhadas pelo mundo? Por intermédio das associações que existem nalguns países?

SS — Nos países onde existem associações caboverdianas, as comunidades serão representadas por delegados escolhidos pelas

suas várias organizações representativas. Em outros casos enviaremos convites para pessoas que conheçam os problemas fundamentais das comunidades e que pelo seu dinamismo e actividade tenham ajudado os seus concidadãos a resolver os problemas que enfrentam e tenham prestado serviços relevantes a essas comunidades no sentido de reforçar a sua ligação com o processo de transformação em curso em Cabo Verde.

VP — A viagem do Primeiro Ministro à Holanda e Suécia ultimamente, e os encontros da delegação caboverdiana (de que fazia parte, salvo erro) com alguns dos nossos emigrantes, terá decerto, por um lado, dado uma visão das dificuldades que cercam um empreendimento desse nível e por outro lado, levado a constatar e a viver de perto os problemas da nossa emigração, o que reforça ainda a

iniciativa do Encontro. Fale-nos dos contactos com a emigração, os seus problemas e das dificuldades da realização do Encontro.

SS — É incontestável o impacto político no seio da viagem do camarada Primeiro Ministro a esses países. Além disso, os contactos que o camarada Primeiro Ministro teve com os emigrantes revela a importância que o nosso governo dá à emigração e as suas preocupações face a tão importante parte do nosso povo que por circunstâncias diversas se encontra no exterior. Corresponde ainda a uma reafirmação de que o Estado de Cabo Verde, através do seu Governo, não foge à sua responsabilidade de principal garante de defesa e protecção dos interesses morais e materiais do Homem caboverdiano dentro e fora do território nacional.

Infelizmente, eu não fiz parte da delegação que acompanhou o chefe do Governo na medida em que eu tinha acabado de regressar de uma missão integrada nos trabalhos preparatórios do I Encontro, que teve essencialmente por objectivo a recolha do maior número possível de elementos de modo a permitir-nos um conhecimento profundo dos problemas.

Agora, nós vamos tentar reflectir sobre estas informações, sistematizá-las e tentar algumas conclusões que serão úteis para o nosso trabalho. Temos uma ideia bastante razoável dos problemas, seja através do grande volume de corres-

pondências que mantemos com os nossos emigrantes e com suas organizações, através de contactos directos, das suas publicações, etc.

VP — Não definiria o I Encontro como «um teste da vontade da emigração de participar no desenvolvimento económico do país», seja no domínio da política de quadros, seja no do investimento de suas poupanças nas empresas mistas, como o frisou há bem pouco tempo o Primeiro Ministro numa conferência de imprensa?

SS — Não. Este teste está feito. Esta vontade de participar tem sido manifestado frequentemente por uma grande maioria dos nossos emigrantes. De uma maneira geral, os nossos emigrantes não põem hoje o problema de participar ou não. Perguntam concretamente como participar, que instrumentos existem, quais as vias de o fazer. Cabe a nós dar a resposta a estas questões. A potencialidade ao serviço de Cabo Verde exige investimentos prévios na organização dos nossos serviços quer internos, quer externos, porque da nossa capacidade de encontrar solução para os problemas que mais preocupam a nossa emigração (problemas fundamentalmente de vida quotidiana que afectam a sua própria permanência e estabilidade nos países de residência) dependerá o maior ou menor engajamento dos emigrantes no processo de desenvolvimento de Cabo Verde.

A JAAC vai ressurgir em condições de assumir as suas responsabilidades

— disse Olívio Pires na I Conferência Nacional da Juventude

«A JAAC vai ressurgir, em condições de assumir plenamente as suas responsabilidades e capaz de desempenhar o papel que lhe está reservado» — declarou o camarada Olívio Pires, Secretário de organização do CNCV do PAIGC na sessão de abertura da I Conferência Nacional da JAAC, que decorreu na ilha do Fogo.

A Conferência Nacional da JAAC teve como presidente de honra o Comandante Pedro Pires, membro da Comissão Permanente do Comité Executivo da Luta do PAIGC e Primeiro Ministro de Cabo Verde e os seus trabalhos decorreram na presença do camarada Olívio Pires, Secretário de organização do Conselho Nacional de Cabo Verde do PAIGC e dos camaradas Luís Fonseca e Afonso Gomes, ambos membros do Conselho Superior da Luta do Partido.

Participaram ainda na I Conferência Nacional da JAAC como convidados os primeiros secretários do Partido de várias ilhas além dos delegados da JAAC de todas as ilhas num número total superior a 70.

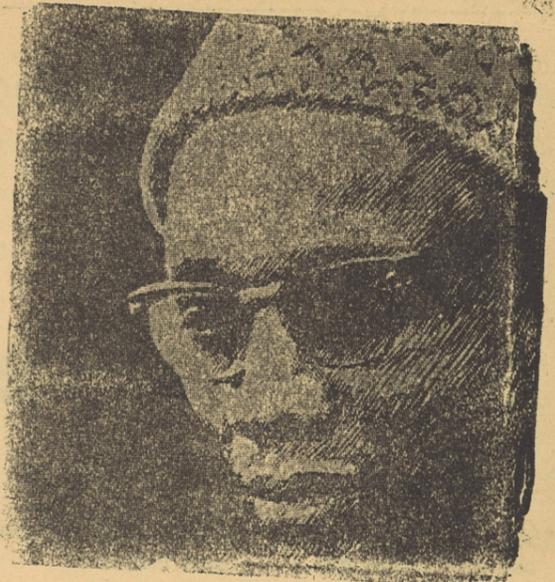
Na sua alocução, o Secretário da organização do CNCV do PAIGC fez um balanço do que tem sido o trabalho de implantação das estruturas da «Juventude Africana Amílcar Cabral» em todo o país, dedicando-se a analisar pormenorizadamente os problemas que tem encontrado no avanço dessa organização, bem como a forma mais correcta de ultrapassar os entraves.

«O Partido tem consciência do papel desempenhado pelos jovens na luta para a descolonização da nossa terra. Nós todos vimos aquela pujança, aquela força que os jovens em Cabo

Verde empregaram para expulsar o colonialismo. Hoje fala-se em desmobilização dos jovens, em qualquer coisa que não está a marchar bem. Temos que ver que a situação hoje é bastante diferente, ela é muito difícil. — afirmou o camarada Olívio Pires falando sobre as formas de enquadramento da juventude nas diferentes fases da luta do PAIGC.

A JUVENTUDE TERA DE FAZER SEU LEMA O CULTO DA QUALIDADE DA SUA PRODUÇÃO

«A Juventude tem que estudar e trabalhar, fazer todo e qualquer trabalho socialmente útil. Só assim a nossa juventude poderá ser a brigada de choque em todas as frentes de luta, o baluarte da reconstrução nacional» — declarou o Secretário da organização do Conselho Nacional de Cabo Verde do PAIGC.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

Tendo reforçado as suas tropas e satisfeitos dos resultados dos seus crimes, os colonialistas portugueses acreditaram ter parado a nossa luta. Para assegurar estes resultados que, apesar de tudo eles sabiam muito precários, tentaram desenvolver a sua «campanha psico-social» e recorreram a todos os meios de propaganda e de suborno, com vista a desmobilizar o nosso povo.

Vindos das florestas, das zonas pantanosas e das tabancas distantes, surgiram então os combatentes do nosso Partido. Não vinham mais com as mãos vazias. Vinham armados com material eficiente, com uma coragem e uma disciplina a toda a prova, assim como do conhecimento das condições concretas e dos objectivos da nossa luta, e, como sempre, com o apoio incondicional do nosso povo.

Fizemos saltar pontes, jangadas e comboios de carros portugueses. Atacámos patrulhas, destacamentos e casernas, pusémos fora de combate mais de um milhar de soldados e oficiais, mortos ou feridos. Tendo derrotado o inimigo no decorrer de todos os encontros, apoderámo-nos dos principais barcos a motor de transporte de mercadorias, liquidando assim a exploração colonial sobre vastas extensões do país. Apoderámo-nos do controlo das estradas e isolámos os centros urbanos onde o inimigo tinha as suas casernas.

As tropas portuguesas, surpreendidas e desorientadas pela eficácia da nossa acção, foram forçadas a bater em retirada, depois de ter sofrido pesadas perdas, para se acantonarem em alguns centros urbanos do sul e do centro-sul do país. Ao cabo de cerca de 6 anos de luta armada, todas as regiões do sul do Geba e do Corubal foram libertadas. O próprio Governo português foi forçado a reconhecer, pela voz do seu ministro de Defesa Nacional, que os nossos combatentes ocupavam e controlavam uma parte considerável do território nacional que ele modestamente calculava em cerca de 15%.

Esta declaração do Ministro português foi feita pouco depois do começo da nossa acção armada nas regiões norte e leste do país. Com efeito, tendo vencido tanto algumas dificuldades de transporte de material, como a vigilância portuguesa ao longo de Geba, nós conseguimos reforçar os meios materiais de luta dos nossos combatentes nestas regiões e desencadear uma acção vitoriosa, dando assim um passo decisivo para o desenvolvimento do nosso combate. Com as experiências adquiridas na luta ao sul do país e aplicando consequentemente a estratégia definida pelo nosso Partido, os nossos combatentes derrotaram as tropas portuguesas infligindo-lhes baixas consideráveis, libertaram toda a zona da floresta de Oio e dominaram totalmente o triângulo das estradas Mansoa-Mansabá-Bissorã, desorganizando, assim, o sistema da comunicação entre Bissau e o interior do país.

O desencadeamento da luta armada no norte da Geba e a instalação da «guerrilha» na região ocidental do país (zona Binar-Bula) asseguraram definitivamente o sucesso de marcha do nosso combate e criaram ao inimigo, em todas as suas bases, mesmo em Bissau, a capital, uma situação de insegurança permanente. A recente decisão de cercar esta cidade com arame farpado electrificado é uma prova disso.

A população de Chinhambanine homenageou Luiz Cabral

“Se o PAIGC não desencadeasse a luta contra o colonialismo este encontro não seria possível”

Presidente Samora Machel

«Somos homens a partir do momento em que o PAIGC, em 1963, antes do começo da luta de libertação em Moçambique, pegou em armas e desafiou o colonialismo português. Se o PAIGC não desencadeasse a luta contra o colonialismo, este encontro de hoje não seria possível, permaneceríamos escravos, humilhados, discriminados e animais de carga do colonialismo português», afirmou o Presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, ao se referir à contribuição dada pelo PAIGC à luta dos povos das ex-colónias portuguesas.

O Presidente moçambicano dirigia-se aos cerca de cinco mil participantes do comício popular, realizado na tarde de quinta-feira passada, com a população do bairro Chinhambanine, nos arredores da capital. Durante o referido comício, a população de Chinhambanine, sob a proposta do seu dirigente máximo, homenageou o Presidente Luiz Cabral «combatente anti-colonialista e anti-imperialista» dando o seu nome ao bairro.

«Vivemos momentos alegres, momentos emocionantes, momentos exaltantes da vida do homem. Momentos que foram criados pela luta do povo da Guiné. Momentos que exigiram sacrifícios das vidas. Momentos que foram fertilizados pelas vidas e pelo sangue dos melhores filhos do povo da Guiné», afirmaria ainda Samora Machel ao falar da importância da visita, para acrescentar que «foram essas vidas que construíram as pontes através das quais a delegação da Guiné caminhou e chegou aqui à República Popular de Moçambique».

O Presidente moçambicano recordaria ainda a situação de miséria e de exploração em que viviam os nossos povos, humilhados e subjugados pelo colonial-fascismo português. «Mas, salientou, através da determinação do povo da Guiné, foi possível este encontro, a que chamamos encontro de sobreviventes dos massacres do colonialismo português, das deportações, do trabalho forçado, do chicote e da palmatória, da ma-

chilla. Quer dizer, vivíamos como animais».

LUTA COMUM

Por seu lado, o camarada Presidente Luiz Cabral usaria da palavra para agradecer a recepção calorosa e fraternal de que foi alvo a sua comitiva à chegada ao Maputo, no fim da tarde de quarta-feira. Com efeito, a população da capital moçambicana dispendeu ao Presidente Luiz Cabral e à delegação do Partido e do Estado um entusiástico acolhimento devido ao chefe de Estado de um país amigo e aos companheiros de armas desde a primeira hora na luta comum levada a cabo pelos dois povos contra a dominação colonial.

«Tudo isso provou uma vez mais que o camarada Presidente Samora Machel tem razão quando diz que a luta foi só uma no passado na Guiné-Bissau ou em Moçambique, luta contra o mesmo inimigo. E que a luta que os povos de Moçambique e da Guiné travam hoje também é só uma, a luta para a consolidação das nossas conquistas e para a construção de uma vida de paz e de felicidade para os nossos povos irmãos africanos da Guiné e de Moçambique».

O programa do segundo dia da visita de Luiz Cabral a Moçambique tinha-se iniciado, à tarde, com visita à cidade. De manhã, o camarada Presidente, acompanhado do camarada Marcelino dos Santos, membro do Comité Central da Frelimo e ministro do Plano, rendeu homenagem aos heróis moçambicanos, colocando uma coroa de flor na praça do mesmo nome. «Homenagem fraterna dos Combatentes da Liberdade do PAIGC», lia-se gravada na fita. Em seguida, e depois de saudar a população dos bairros vizinhos que o aclamavam com vivas ao Presidente Luiz Cabral, à unidade e solidariedade entre a Frelimo e ao PAIGC, ao mesmo tempo que entoavam canções revolucionárias, o Chefe de Estado guineense dirigiu a sua delegação às conversações que tiveram lugar no Palácio do Governo.

Ao longo das ruas da capital moçambicana a comi-

tiva presidencial, quer percorrendo as largas avenidas da bela cidade do Maputo, quer atravessando as estreitas ruas dos bairros castiços, foi mais uma vez alvo de caloroso acolhimento por parte da população. O movimento nas ruas diminuiu durante cerca de duas horas que decorreu a visita



Luiz Cabral e Samora Machel: Um encontro de sobreviventes do colonialismo

à capital. As janelas dos machimbombos (autocarros) cansados dos longos anos de uso e superlotados, viam-se caras curiosas, ora acenando o Presidente do país amigo, ora limitando-se apenas a espreitar. O aspecto daquelas velhas máquinas despertou-nos a curiosidade de saber quantos dessas viaturas havia ainda na capital e quando e como é que o Governo pensa resolver o problema da falta dos transportes, uma vez que não há táxis. Ficamos a saber que existem apenas cerca de uma dúzia desses machimbombos que pertencem a particulares e que vinham funcionando desde a época colonial. Agora o número está ficando cada vez mais reduzido devido ao seu longo uso e a falta de peças que os obrigam a ficar muito tempo nas oficinas onde acabam por ficar definitivamente. Para superar essas dificuldades, o Estado já adquiriu alguns autocarros que se destinam às carreiras urbanas e interurbanas.

Eram cerca das 15h e 20 min. locais quando os dois presidentes chegaram ao local do comício. A população de Chinhambanine e do bairro vizinho num total de

cerca de cinco mil já se tinha concentrado no local para receber os ilustres visitantes. As marimbas (instrumentos musicais tipo balafom) soavam por todo o lado. Havia festa no bairro de Chinhambanine. Vários grupos dançaram perante a tribuna, envergando trajes várias e multicolores e ao som de variados ins-

trumentos. Não faltou o tradicional «Kanimambo Frelimo» (Obrigado Frelimo), com que o Presidente Samora Machel iniciou o comício, depois de gritar vivas ao PAIGC, à Frelimo, ao Presidente Luiz Cabral, à amizade e solidariedade entre a Frelimo e o PAIGC, à justa luta dos povos da África Austral.

O PAIGC NÃO ESPEROU PELO 25 DE ABRIL

Antes havia usado de palavra um dos membros do grupo dinamizador do bairro que salientou a importância da visita e da presença entre eles, do dirigente máximo da revolução moçambicana. «Isso para nós, afirmou, representa um estímulo no momento em que todo o povo moçambicano está empenhado na campanha de estruturação do Partido e na ofensiva generalizada no campo da alfabetização.

«Nós devemos agradecer ao povo da Guiné pela sua coragem, pela sua determinação e pelo seu heroísmo. Coragem de desafiar o colonialismo com as mãos nuas, de pedras na mão, em 1963, quando para nós outros o colonialismo nessa

altura era um monstro, era invencível. Mas os nossos irmãos da Guiné já em 1963 desencadeavam a luta armada contra o colonialismo português. Não esperaram pelo 25 de Abril. Quando este chega já tinham proclamado a independência. E dezemos obrigado aos nossos irmãos da Guiné porque nos encorajaram e porque foram capazes de manter a luta depois do assassinato do camarada Amílcar Cabral».

Assim se referiu o camarada Samora Machel à contribuição dada pelo PAIGC a vitória da Frelimo e dos outros partidos que juntos lutaram contra o colonialismo português. Depois de se referir as tentativas do inimigo em destruir todo o trabalho de mobilização das massas levadas a cabo pelo PAIGC, procurando através de infiltração de agentes no seu seio, impedir a independência do nosso povo, Samora Machel chamaria a atenção para os objectivos que sempre orientaram a luta dos PAIGC afirmando que estes visavam fazer do povo o dono do seu destino, e formar na Guiné o poder popular.

«É o PAIGC que libertou a iniciativa criadora do povo da Guiné e de Cabo Verde. É o PAIGC que despertou a consciência e que deu confiança ao povo de confiar nas suas próprias forças. Por isso, essa é a maior contribuição que o povo da Guiné deu à luta de libertação de Moçambique».

Quer dirigindo-se a comitiva, quer dialogando com a população ora em português, ora no seu dialecto, Samora Machel demonstraria mais uma vez as suas qualidades de condutor das massas. Estas manifestar-se-iam mais quando propôs a mudança do nome do bairro Chinhambanine para Bairro Luiz Cabral.

«Companheiro Luiz Cabral tem aqui a população de um bairro que se chama Chinhambanine, que significa Inhambane pequenito. Antigamente isso representava o regionalismo. Não é verdade? (pergunta ele a população que responde com um «sim»). Agora já não há. Há gente de todas as províncias aqui. E ou não é? Já não é gente de Chinhambanine. Ficou o nome, vamos tirar um dia

este nome. Vamos tirar o nome de Chinhambanine. Podemos chamar o bairro Luiz Cabral. Concordam comigo não é verdade? (sim partiu no meio dos aplausos que apoiaram a proposta do seu Presidente. Obrigado companheiros! afirmou.

«Mas, salientou, entreto, para merecer este nome de Luiz Cabral, como revolucionário e como combatente anti-colonialista e anti-imperialista, temos que lutar contra os especuladores e os açambarcadores. Lutar contra o boato, contra a triga e lutar também contra a prostituição, contra o banditismo, os preguiçosos marginais, os ladrões mas sobretudo contra os violadores de mulheres. Depois de afirmar que a prostituição é provocada especialmente pelos homens apontou o caso de certos homens que têm vezes mais de sete mulheres e informou que o principal problema que a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) enfrenta neste momento é o das mães solteiras. Terminou chamando a atenção da população para a necessidade de serem vigilantes.

OPÇÕES IDENTICAS

«Ainda mais do que no passado, é o presente que oferece opções profundas e identicas dos nossos dois Países e Governos que cimentaram esta amizade e solidariedade», disse o camarada Presidente Luiz Cabral referindo-se à amizade indestrutível e a solidariedade militante forjadas durante os duros anos da luta. «É a fidelidade aos nossos povos e a África que fazem que a nossa amizade e solidariedade sejam de frutíferas e indestrutíveis. A nossa fidelidade aos movimentos de libertação africanos, a nossa decisão de lutar contra toda a forma de exploração do homem pelo homem nas nossas terras. Mas também a nossa decisão de lutar



Na gravura, um momento do encontro de Luiz Cabral e Samora Machel

«Em primeiro lugar o nosso conceito de desenvolvimento tem que se basear na necessidade fundamental que é de transformar a realidade que nos foi deixada pelo colonialismo português. Portanto, quer dizer, que nós temos que partir da consciência e do conhecimento dessa realidade para podermos ver que meios utilizar para transformar essa mesma realidade» — começou por afirmar o camarada Vasco Cabral, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, numa sessão de seminário de quadros para a popularização e divulgação das principais resoluções saídas do III Congresso do PAIGC.

Nesta sessão o camarada Vasco Cabral fez uma análise profunda e clara do nosso conceito de desenvolvimento. Durante a sua longa exposição o camarada Comissário falou dos factores que jogaram na elaboração do conceito de Desenvolvimento que tem o nosso par-

O nosso desenvolvimento baseia-se na necessidade fundamental de transformar a nossa própria realidade

É para mim um grande prazer ter a ocasião de falar aqui sobre o nosso conceito de desenvolvimento, quer dizer o conceito de desenvolvimento que tem o nosso Partido. Mas depois da brilhante palestra que os camaradas tiveram ocasião de ouvir aqui, proferida pelo camarada Mário de Andrade, eu sinto-me um bocado complexado. Tenho que pedir desculpas aos camaradas pelo facto de que eu não tenho o texto escrito. Eu irei desenvolver oralmente o tema que me cabe apresentar hoje aqui.

Em primeiro lugar, para se falar sobre esse problema, é necessário que toda a gente saiba o que é um conceito. Conceito é uma ideia, noções sobre um determinado tema ou problema. E, o conceito de desenvolvimento são as ideias que nós demos sobre a maneira como promover o progresso da nossa terra. A primeira coisa que devemos tornar clara é que, qualquer ideia ou conceito tem que se basear em alguma coisa. E o nosso conceito de desenvolvimento baseia-se naturalmente, também em alguma coisa. Essas ideias são ditadas por um determinado objectivo.

Pergunto. Em que se baseia o nosso conceito de desenvolvimento? Em primeiro lugar ele tem que se basear na necessidade fundamental que é de transformar a realidade que nos foi deixada pelo colonialismo português. Portanto, quer dizer, que nós temos que partir da consciência e do conhecimento dessa realidade para podermos ver que meios utilizar para transformar essa mesma realidade. Qualquer conceito não parte do nada, parte de alguma coisa. Desde a criação do Partido, o nosso conceito de desenvolvimento baseia-se na vida que temos levado e vivido, na vida que tem vivido o nosso povo, o nosso Partido e na vida que o nosso Partido soube criar ao nosso povo e desenvol-

ver para o nosso povo.

O nosso conceito de desenvolvimento seguiu uma certa evolução. Ele foi-se forjando pouco a pouco, gradualmente, através da nossa experiência. Ele tem uma vida que está ligada ao passado, ao presente e que se liga também ao futuro porque, para conceber o desenvolvimento, que é um objectivo a atingir, nós temos que ter em conta que não nos interessa apenas o presente mas, temos que encarar o futuro, construir uma vida melhor de paz e de progresso para todo o nosso povo, no sentido de darmos uma contribuição para uma humanidade melhor.

Quais são os factores essenciais que jogaram na elaboração de conceito de desenvolvimento que tem o nosso Partido? Primeiro que tudo, são os princípios morais e políticos do P.A.I. G.C. O PAIGC criado em 1956, com o objectivo de fazer a luta contra o colonialismo português, de libertar o nosso povo da exploração e da opressão, guiou-se por certos princípios morais que são os princípios que orientam a actividade dos nossos militantes e sobretudo os princípios políticos e ideológicos. Quer dizer, que este conceito está ligado aos objectivos definidos pelo PAIGC no seu Programa. De facto, no Programa do Partido, desde os primeiros anos da nossa luta, definem-se já alguns princípios que estão ligados com o futuro desenvolvimento da nossa terra tanto da Guiné como de Cabo Verde.

É assim, camaradas, que no capítulo VI do nosso Programa estão bem claramente expressos alguns dos princípios pelos quais nós nos pensavamos nortear, a fim de poder promover o desenvolvimento no nosso país. Vou ler, para os camaradas poderem ver alguns desses princípios que mostram que o nosso Partido, desde o princípio ti-

tido salientando a certa altura que um dos objectivos fundamentais do nosso Partido que está directamente ligado com o conceito do nosso desenvolvimento, consiste em liquidar a exploração do homem pelo homem.

Vasco Cabral falou do problema da independência económica, do homem como elemento fundamental da transformação, deu a ideia do que é um desenvolvimento harmonioso e explicou aos presentes a diferença entre crescimento e desenvolvimento.

Vasco Cabral no seminário sobre o III Congresso (I)



ciais do Estado; controle do comércio exterior e ordenação do comércio interior, pelo Estado.

Claro que, um dos objectivos fundamentais do nosso Partido que está directamente ligado com o conceito do nosso desenvolvimento, consiste em liquidar a exploração do homem pelo homem. Mas a experiência histórica doutros povos e a nossa própria experiência histórica, demonstram-nos que, para atingir este objectivo, a coisa fundamental é mobilizar as camadas mais desfavorecidas da população. Porque, em qualquer população, há camadas sociais distintas, há classes sociais e nós temos que saber distinguir bem nessas camadas sociais, quais são aquelas que podem desempenhar o papel fundamental para se atingir esse objectivo: acabar com a exploração do homem pelo homem.

Um outro aspecto que tem que ter o desenvolvimento de um país e, foi para isso que fizemos a luta, é o problema da independência económica. Nós lutamos para tornar o nosso país independente, para nos tornarmos Estados soberanos, para libertar o nosso povo da exploração e atingimos a independência política. Temos também que construir pouco a pouco, com firmeza, determinação, orientados pelo nosso Partido, a independência económica dos nossos países. Mas para isso, são precisos meios e é preciso desenvolver acções. Temos que saber mobilizar todos os meios possíveis, desenvolver acções e ser capazes de utilizar de uma maneira cada vez mais racional, os meios de que dispomos. Para isos, temos que ser capazes de mobilizar todos os recursos potenciais que temos tanto na Guiné como em Cabo Verde, pouco a pouco, porque esses meios não são só materiais, são também humanos. O ho-

nha já algumas ideias que nos permitiram, com o acumular de experiências com o decorrer da luta armada, com o decorrer da luta de reconstrução nacional, formular o conceito actual de desenvolvimento que temos. É assim que se diz neste capítulo:

«Planificação e desenvolvimento harmonioso da economia; a actividade económica será dirigida segundo os princípios do centralismo democrático; as riquezas minerais e as principais fontes de energia, a riqueza florestal, os cursos de água e os outros elementos hídricos, os meios de produção industrial, os transportes colectivos e os meios de comunicação, os barcos e os seguros, a rádio e os outros meios de difusão, da informação e da cultura serão explorados pelo Estado como bem da Nação na Guiné e em Cabo Verde».

«Desenvolvimento e modernização da agricultura; transformação do cultivo da terra de modo a acabar com a monocultura e a obrigatoriedade da cultura da mancarra na Guiné e a monocultura do milho em Cabo Verde; vencer as crises agrícolas, as secas e a fome; reforma agrária em Cabo Verde para acabar com as grandes propriedades agrícolas privadas e o sistema de arrendamento; limitar a extensão da propriedade privada rural e dar terra suficiente a todos os camponeses; tanto na Guiné como em Cabo Verde, nacionalização das terras e outros bens pertencentes a inimigos provados, da liberdade do povo e da independência nacional».

LIQUIDAR A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

Desenvolvimento da indústria e do comércio em bases modernas; estabelecimento progressivo de empresas industriais e comer-

mem é o elemento fundamental dessa transformação que se tem de operar a partir dessa realidade que era o colonialismo para se conseguir organizar um trabalho cada vez mais racionalmente, numa base cada vez mais colectiva, de maneira a tomarmos cada vez mais nas nossas mãos as nossas próprias riquezas.

No programa do nosso Partido que acabámos de ver, definem-se apenas alguns dos aspectos que devem estar ligados ao problema do desenvolvimento, mas há uma rica experiência que nos é altamente útil para definirmos hoje o nosso conceito de desenvolvimento e ligado a essa nossa estratégia de desenvolvimento. Foi a experiência que vivemos durante o tempo da luta armada, nas regiões libertadas, onde o único objectivo não era eliminar e vencer o inimigo em batalhas sucessivas, mas, ao mesmo tempo, criar, desde que tenhamos regiões libertadas, condições para melhorar desde logo, a situação da vida do nosso povo. Nós sabemos que se não tivéssemos feito isso, por um lado não teria sido possível o apoio completo do nosso povo à luta de libertação nacional e não teríamos de facto criado desde logo alguns elementos ricos de experiência que nos possibilitaram, mais tarde orientarmo-nos na campanha de reconstrução nacional, em que estamos empenhados para atingir os objectivos do nosso desenvolvimento.

Durante a luta nós trabalhamos para melhorar as condições de vida do nosso povo, nas regiões libertadas. Os camaradas devem estar lembrados que, em 1964, se realizou numa das nossas regiões libertadas o I Congresso do nosso Partido. Nesse I Congresso, o Partido definiu de uma maneira clara, a necessidade de se construir escolas, hospitais, de conseguir abastecer o nosso povo com artigos de primeira necessidade, criando os Armazéns do Povo. Quer dizer, que desde esta altura não preocupávamo-nos já em criar as bases para um desenvolvimento dual.

tra toda a alienação da personalidade africana, para que possamos juntos contribuir para a criação de uma África independente, liberta de toda a forma de dominação e aberta ao caminho da prosperidade e do progresso».

Ao falar da existência no nosso seio de agentes de imperialismo, Luiz Cabral chamaria a atenção para a necessidade de sermos vigilantes, porque só tendo agentes no nosso seio pode o imperialismo tentar impedir a marcha irreversível dos nossos povos na defesa intransigente dos seus interesses, ao serviço da sua libertação e do seu progresso. Referindo-se às manobras do inimigo na tentativa de parar a nossa luta, o camarada Presidente salientaria que estes têm ido de surpresa em surpresa.

«É na cidade do Maputo, onde foram feitas todas as armadilhas para apanhar os nossos camaradas e companheiros da Frelimo, quão grande não foi a surpresa dos nossos inimigos quando se aperceberam que havia uma organização sólida, uma experiência de longos anos de dura luta. E que a Frelimo e os seus dirigentes traziam consigo toda a força necessária para controlar o território da sua Nação, a sua Pátria libertada e para eliminar todos os inimigos da liberdade e da unidade do povo moçambicano e para instalar um poder popular forte, baseado na confiança do povo moçambicano», afirmaria ainda o Presidente Luiz Cabral.

No termo do grandioso comício, representantes dos moradores dos dois bairros ofereceram objectos de artesanato local ao camarada Luiz Cabral. A noite, os dois Presidentes e comitivas assistiram, num dos teatros da capital, a um sarau cultural que compreendia danças e canções revolucionárias apresentados por diversos grupos teatrais.



da visita do Presidente ao nosso país



Página da Educação

ano de implantação de estruturas

É impossível programar qualquer coisa para uma terra, se essa coisa não for baseada na educação do homem.

Francisco Mendes

Registo

Homenagem a um dos maiores amigos da Educação

Na sociedade colonial, todo aquele que soubesse bem ler e escrever não podia, de modo algum, voltar a viver junto dos seus, nas tabancas.

Portanto, camaradas, foi uma grande luta travada pelo nosso Partido nesse ramo: convencer as nossas populações das zonas libertadas de que a educação erigida pelo nosso Partido, é uma educação de novo tipo.

Educação que faz o homem projectar-se na sociedade, que volta o homem para as realidades da sua terra, mas

para que aquele homem regressasse para junto do seu povo, para se transformar em seu aliado.

O trabalho da educação é um trabalho que exige muita paciência, porque uma tarefa de formação de um homem novo, integral, precisa de paciência e bom espírito pois que não há coisa mais nobre no mundo que educar, dar a um homem novo conhecimentos para servir o seu povo e a sua própria cabeça...

Francisco Mendes
(4 de Novembro de 1975)

Guiné-Bissau

Estruturas do sistema de ensino

A passagem para a etapa de ensino geral que versará os sectores Agropecuária, Indústria, Saúde, Administração e Comércio, Construções, Docência (professores do 1.º ciclo do Ensino Básico, pressupõe a realização de um teste, depois do diploma da 6.ª classe, e repartição para os diferentes ramos, dependerá das solicitações do desenvolvimento, do aproveitamento do aluno, do engajamento, pressupondo-se que uma maior percentagem deverá dar entrada no Ensino Geral Polivalente propriamente dito.

Os ramos profissionais, ligados à Indústria sobretudo, de imediato farão uma superação do operário no local de trabalho, não estando estabelecidos prazos estanques de formação, para alunos que entram com a 6.ª classe, prevendo-se no entanto, programas

que levarão a uma permanência de 2/3 do tempo na empresa ligada à profissão e 1/3 do tempo na escola para superação. Nesta faixa, os objectivos são mais específicos, e atingem o âmago da formação integral de uma juventude responsável e consciente, nomeadamente ao fornecer:

— um nível de capacitação profissional que lhe permite uma inserção na vida activa e/ou posterior especialização mais apurada;

— elevação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos anteriormente;

— maior fixação de hábitos de trabalho organizado, dentro dos princípios da tecnologia;

— familiarização com os dados que permitem uma maior integração no desenvolvimento sócio-económico do País.

Quanto aos planos de estudos, apresentamos uma distribuição semanal. Atender que a médio prazo este currículo ora enunciado deixará de ter validade, na medida em que se implantará uma formação única generalizada e polivalente.

Atender ainda que a escola secundária está normalmente dividida em dois e muitas vezes três turnos de funcionamento que não permite por enquanto um aumento significativo da carga horária de algumas matérias.

A Educação Física funciona no turno diferente do das aulas e o Trabalho Produtivo funciona no dia livre de aulas na semana, podendo algumas das horas que lhe são dedicadas, ser preenchidas com actividades culturais (canto coral, teatro, artesanato, jornal mural, etc.).

b) Ensino MÉDIO POLITECNICO de dois, três ou quatro anos, consoante a especialidade, e cujas experiências terão início em 1981/82.

Os actuais ramos do Curso Complementar do Liceu e outros ramos a criar, funcionarão repartidos pelos diferentes Institutos desta faixa: Instituto Técnico de Formação Profissional, Instituto de Ciências Sociais, Instituto de Formação de Professores (para o 2.º Ciclo do Ensino Básico), Instituto Agropecuário, etc.

Apesar de ainda não estar absolutamente assente, prevê-se que as matérias comuns para esta faixa serão: Língua Estrangeira, Filosofia, Formação Militante e Economia Política, Matemática, Educação Física, Trabalho Produtivo.

A educação pré-escolar Ensinar antes da idade escolar

Dos quatro aos cinco anos, o programa indica então a soma, a subtração, a multiplicação, as fracções, e cálculo de superfície de rectângulos, a leitura das horas, a interpretação de cartas geográficas, assim como de jogos algorítmicos, damas, jogão-do-galo, eventualmente princípios de xadrez, etc. Com tais matérias e a tal ritmo, a criança terá percorrido bastante mais do que o equivalente dos nossos cursos preparatórios, isto antes da sua entrada na escola primária. O objectivo em vista é, aliás, claramente confessado: fazer com que a criança ganhe, pelo menos, uma classe.

Os autores deste livro, não são visionários ou pais favorecidos. Se se ocuparam de crianças superlotadas, elaboraram contudo métodos e programas para atrasados mentais, para crianças surdas, para «diminuídos culturais». Realizaram instrumentos de avaliação. Neste mesmo livro, escrito para os pais, não se limitam ao enunciado de princípios ou a relação de anedotas privilegiadas: os exercícios são descritos de forma minuciosa e concreta.

No entanto, a obra foi assaz mal acolhida, pelo menos por especialistas, psicólogos e educadores de alguns países. Censuram-lhe tanto o seu «triumfalismo» como o seu «elitismo» muito aparente. Desti-

nado aos pais e não à escola, parte do princípio de que se dirige a um meio familiar onde é possível dispensar à criança uma atenção quase constante e vários períodos (curtos mas regulares) de exercícios quotidianos propriamente ditos. Os psicólogos criticam a tese inicial de uma quase onnipotência de aprendizagem e do meio ambiente no desenvolvimento intelectual (a bem dizer, e mais a minização aparente dos factores hereditários e de maturidade que censuram aos autores).

Bem entendido, é a fórmula assaz desenvolvida de «ganhar os pontos do quociente de inteligência» que escandaliza os especialistas, porque ela parece considerar o QI como uma medida absoluta e confunde o melhor resultado obtido com o nível de desenvolvimento — o que exigiria uma discussão técnica muito rigorosa. Enfim, os pedagogos não parecem apreciar, de modo algum, o directivismo e a rigidez das progressões propostas, a três ou seis meses de prazo (o texto tem bastante mais cambiantes do que o deixaram supor os quadros recapitulativos que, no fim de cada capítulo, estabelecem o calendário das diversas tarefas pré-escolares).

E claro, há muito a dizer sobre tal livro, cujas garantias experimentais não estão definidas. Podem alimentar-se também algumas legítimas suspeitas sobre a

eficácia a médio ou a longo prazos e sobre a solidez destas tão precoces aquisições. Os autores antecipam-se a responder às eventuais objecções quanto à não qualificação dos pais e aos perigos de inadaptação que podem resultar deste avanço adquirido prematuramente. Mas não se inquietam nada com os efeitos secundários de um tal esforço, e a avaliação — psicométrica nomeadamente — dos progressos assim realizados mereceria um exame muito minucioso, tanto do ponto de vista técnico como do ponto de vista psicogenético (uma criança que sabe efectuar adições e subtrações e avaliar a superfície dos rectângulos terá, com efeito, dos números, das operações e das superfícies, uma «noção» verdadeiramente superior àquela que se encontra vulgarmente nas crianças antes dos sete ou oito anos?).

O nosso objectivo aqui não é estabelecer polémica em torno desta obra, recomendar ou combater as proposições de pormenor ou os pressupostos. Sobre dois pontos, pelo menos, parece ser possível perfilar esta tese. O primeiro (citámos) é que «o objectivo da educação pré-escolar não é tanto ministrar às crianças ensinamentos específicos como as ajudar nos seus esforços e construir um sistema de vias e conexões que não exigirá a sua reconstrução mais tarde».

É justo dizer-se que, na exposição dos programas que vêm a seguir, esta declaração de princípios não é suficientemente sublinhada, a ponto de se censurar aos autores o terem, muito pelo contrário, posto a tónica sobre a aquisição de conhecimentos muito específicos. O segundo ponto é capital e, não obstante a insistência que nele puseram os psicólogos de todas as tendências, continua a ser uma fonte de mal-entendidos entre os pedagogos: trata-se aqui duma vigorosa denúncia do preconceito respeitante ao «concreto», e a célebre regra de ouro que pretende que o pensamento natural (e como ele o ensina) vá do «concreto ao abstracto». «Esta alegação», dizem os autores, «seria verdadeira se o intelecto estivesse em contacto directo com os objectos. Mas o intelecto não tem influência sobre os objectos senão através das regras sobre os objectos. As regras são coisas abstractas. O intelecto não passa do concreto ao abstracto, mas do abstracto ao mais abstracto ainda». Pela nossa parte, aderimos completamente a esta afirmação, lamentando apenas que, a despeito dum longo parágrafo intitulado «Regras, regras, regras», os autores não tenham insistido suficientemente sobre a origem, a natureza e o estatuto destas «regras» e que hajam, segundo parece, abusado do seu emprego na linguagem corrente.

(Cont. na próxima edição)

Uma nova pedagogia do ensino do português em Cabo Verde

● O ensino do português a alunos caboverdianos

Dissemos atrás que, nas condições actuais, não é fácil adoptarmos um novo método pedagógico de ensino do Português nas nossas escolas primárias. E é pena. Porque o método que propomos, se fôr correctamente aplicado por professores conscienciosos, trabalhadores e disciplinados, poderá dar os melhores resultados entre nós. Métodos idênticos, com variantes diversas, têm sido aplicados por pedagogos franceses a alunos africanos que desconheciam o francês. Ao fim de certo tempo, estes começam a falar o francês, apesar de não empregarem nas suas relações familiares.

Como achamos que poderíamos aplicar esse método de ensino às nossas crianças da instrução primária?

1.º — Ensinando o Português quase como uma língua estrangeira.

2.º — Utilizando técnicas próprias da pedagogia moderna das línguas vivas, nomeadamente diálogos e exercícios estruturais e, na medida do possível, auxiliares audio-visuais (pelo menos flanelógrafos).

3.º — Abordando a leitura e a escrita só numa fase muito avançada do ensino.

4.º — Fazendo um levantamento preliminar das dificuldades de ordem gramatical encontradas após um estudo comparado entre o Português e o crioulo, evitando-se assim, entre outras coisas, as chamadas interferências linguísticas.

O método só poderá ser aplicado devidamente se, além do livro do aluno, se preparar um livro do professor, que sirva de guia a este. Enquanto esse livro do professor não existir — e ele exige um trabalho de equipe — dificilmente um professor, por muito bem preparado que esteja, poderá avançar sem hesitações nem erros. Esse livro do professor deverá conter todas as directrizes que o deverão nortear na aplicação do método, para que as lições possam decorrer correctamente. Antes de cada aula será necessário, pois, que cada professor se prepare convenientemente.

Este novo método, adaptado à nossa realidade actual no que respeita ao problema do bilinguismo, exige do professor a aquisição da técnica perfeita da utilização do flanelógrafo, uma preparação mais cuidada do que para o método tradicional, uma atenção constante, para evitar os saltos ou o emprego de situações gramaticais ainda desconhecidas, numa palavra, uma reciclagem prévia, para que o ensino se faça de facto de maneira progressiva e graduada.

Luta contra o apartheid Igreja sul-africana a favor de um maior engajamento político

JOHANNESBURGO — A Conferência anual do Conselho sul-africano das Igrejas escutou, na terça-feira, mensagens apelo a um engajamento político mais profundo por parte da Igreja sul-africana, após a leitura de um relatório do seu secretário-geral, o arcebispo anglicano Desmond Tutu, severo para com o governo de Pretória.

O reverendo Tutu acusou o regime racista de demonstrar uma intolerância crescente face a qualquer grupo ou indivíduo que exprima autenticamente a opinião e as aspirações dos negros. Ele afirmou que o Conselho das Igrejas estava de acordo com uma transformação «rasoavelmente» pacífica, excluindo o termo totalmente, «visto que já houve muita violência».

Passando em revista os acontecimentos desde a conferência do ano passado, o reverendo Tutu sublinhou particularmente a perda representada pela morte, na prisão, de Steve Biko, líder dos movimentos da consciência negra.

Fazendo eco do relatório do reverendo Tutu, vários

delegados da conferência sublinharam que as Igrejas deveriam engajar-se mais profundamente. Conforme sublinhou uma delegada «as Igrejas não podem permanecer neutras, pois se o fizerem elas alinham com os opressores».

A conferência estudou ontem os seus dois principais assuntos de debate: «a questão dos investimentos estrangeiros na África do Sul, para a qual uma resolução crítica das sociedades estrangeiras foi redigida, e o problema da violência como meio de transformação da sociedade».

Por outro lado, o principal delegado estrangeiro a esta conferência, o arcebispo Helmut Clauss, presidente do Conselho da Igreja Evangélica da Alemanha Federal (EKD), assegurou à audiência, a determinação da sua Igreja de ajudar as igrejas sul-africanas a «vencer o sistema de opressão racial neste país». Ele sublinhou, em particular, que escutaria o Conselho das Igrejas no que respeita à questão de investimentos estrangeiros.

MAIS UM «SUICÍDIO» NA PRISÃO

Entretanto, notícias de Port Elizabeth, dizem que um jovem detido político negro Lungile Tabazala morreu, na segunda-feira, caído do quinto andar no quartel general da polícia de segurança, nesta cidade. A polícia sul-africana fez este anúncio afirmando que o jovem se tinha «suicidado».

Tabazala estava preso nos mesmos locais onde, o ano passado, o líder do movimento da consciência negra, Steve Biko foi espancado na cabeça antes de morrer. Um jovem professor mestiço, George Botha, morreu em circunstâncias semelhantes, caído do quinto andar deste edifício, em Dezembro de 1976.

Enquanto os partidos da oposição exigem imediato inquérito e a demissão do ministro responsável, Kruger reage vivamente anunciando a nomeação de um oficial com a graduação de major-general, encarregado de investigar sobre este incidente «com vista a possíveis acções disciplinares». (FP)

Rodésia Ataque guerrilheiro a comboio armado

SALISBURIA — Os guerrilheiros nacionalistas atacaram, na terça-feira, um comboio armado próximo de Kariba, no nordeste da Rodésia, anunciou um porta-voz oficial em Salisbúria.

Informações oficiais indicam que três pessoas foram mortas neste ataque e 11 outras feridas.

Entretanto, um padre católico, de origem irlandesa, Martin O'Regan, julgado em Outubro passado por ter ajudado guerrilheiros nacionalistas, foi expulso, na terça-feira, da Rodésia.

Antes da sua partida, o padre O'Regan, que trabalha na Rodésia há 14 anos numa missão próxima da fronteira oriental com Moçambique, afirmou que a sua expulsão trazia sérias dúvidas sobre a credibilidade do «acordo interno» de 3 de Março passado. «Isso demonstra que nada mudou», disse ele.

Um outro padre católico, Dieter Scholz, um jesuíta alemão, deve ser expulso da

Rodésia dentro de dias.

Por outro lado o embaixador dos Estados Unidos na Zâmbia, Stephen Low, e um dos responsáveis do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros, John Graham, encontram-se em Dar-es-Salam, vindos de Lusaka, para discutir o problema rodésiano com o presidente Nyerere.

Graham declarou à sua chegada que passara seis semanas na África Austral para discutir aquele problema com todas as partes interessadas e estimou que «há um desejo geral de solução pacífica do conflito rodésiano».

«As nossas recentes conversações com os presidentes Samora Machel de Moçambique e Kenneth Kaunda da Zâmbia, esperanças-nos de que os esforços anglo-americanos para reunir uma conferência alargada sobre a Rodésia serão coroadas de sucessos», acrescentou ele. etc. (FP)

Desarmamento

URSS pede a proibição da bomba de neutrões

GENEBRA — A União Soviética solicitou a proibição da bomba de neutrões, ao inaugurar-se, ontem, a sessão de verão da conferência sobre o Desarmamento. A URSS reiterou ainda que as suas forças não constituíam uma ameaça para o Ocidente.

A sessão concentrara os seus trabalhos na questão da proibição total das experiências nucleares.

O mais tardar até Janeiro do próximo ano, a actual conferência sobre o Desarmamento será substituída por um novo organismo, a Comissão sobre o Desarmamento da Assem-

bleia geral das Nações Unidas.

Começaram também ontem as conversações Gromyko-Vance sobre a limitação de armamento estratégico, na sede da missão americana para o SALT.

As primeiras conversações que, indicou-se de fonte informada, incidirão sobre a modernização dos sistemas de armas estratégicas e a questão do bombardeiro soviético «Backfire» — dois pontos de acordo ainda em suspenso. An-drei Gromyko e Cyrus Vance entrevistaram-se, ainda durante a tarde, sobre a situação internacional. (FP)

Nicarágua

Manifestações anti-Somoza

★ Dezenas de estudantes mortos

MANAGUA — Várias cidades da Nicarágua foram, de novo, na terça-feira, palco de recontros, enquanto que a oposição prepara, à escala nacional, uma greve geral de 24 horas que poderá transformar-se numa séria prova para o regime do presidente Anastácio Somoza.

Em Jinotepe, San Marcos e Miriapa, cidades da província de Carazo (ao sul de Managua), violentos recontros opuseram civis e estudantes às forças da guarda nacional. Em San Marcos resultaram três estudantes mortos e cerca de 20 outros feridos. Eles ti-

nam-se refugiado, com muitos outros dos seus camaradas, na catedral da cidade. Em Jinotepe, a revolta começou quando o exército pretendeu desalojar os estudantes da escola normal que ocupavam há várias semanas.

Entretanto, a coligação da oposição «Frente Ampliada», anunciou a realização de uma reunião com vista a organizar-se, em todo o país, uma greve geral de 24 horas a fim de protestar com a morte, no domingo, em Jinotepe, de cinco estudantes durante uma manifestação. — (FP)

Problema do Tchad

Líbia acusa França pelo fracasso

KARTUM — O ministro líbio dos Negócios Estrangeiros, Ali Al Triki, acusa a França de responsável pelo fracasso da solução de paz entre o governo de N' Djamena e a «Frolinat».

Numa entrevista à agência sudanesa, publicada na terça-feira, Al Triki, afirmava: «Tínhamos assinado o acordo de Sebha-Benghazi que era bom, mas fomos apanhados de surpresa

pela intervenção francesa que impediu a aplicação deste acordo».

Al Triki, que participa na conferência ministerial da OUA em Kartum acusou igualmente o governo tchadiano e afirma que durante a recente reunião de Trípoli «estávamos quase a chegar a um acordo mas notamos que a delegação do governo tchadiano não queria a solução». (FP)

Ghana

Governo popular para o próximo ano

ACCRA — O novo chefe de Estado do Ghana, o tenente-general William Akuffo, prometeu, na segunda-feira, durante uma alocução radiodifundida, que o actual Conselho Militar Supremo será substituído, a 1 de Julho do próximo ano, por um governo popular eleito.

O general Akuffo anunciou, igualmente, uma amnistia geral para todos os cidadãos no exílio não perseguidos por crime.

O novo presidente do Ghana exprimiu também, no decorrer daquele mesmo discurso, o desejo de ver desenvolver-se, no país, um espírito de reconciliação já iniciado a 30 de Março último com a libertação de presos após o referendo.

Segundo as estatísticas oficiais de Abril, 50 oponentes ao governo da União estariam ainda nas prisões.

Soubese por outro lado, em Accra, que o major-general Nathaniel Adartey Wellington prestou juramento como membro do Conselho militar supremo.

O Conselho Militar Supremo procedeu a uma ligeira remodelação ministerial, que se traduz essencialmente pela nomeação de um novo comissário das Finanças, o coronel E. T. Oklah, director da Lotaria Nacional, em substituição do dr. A. K. Appiah, que foi chamado para outras funções.

As outras mudanças referem-se ao ministério dos Transportes e Comunicações, onde G. Harley, perito em administração das Empresas, substituiu E. Dwe-moh, que se tornou comissário dos Desportos. (FP)

● Ameaça de greve no Panamá

PANAMA — O general Omar Torrijos, chefe do governo panameno, faz face a uma ameaça de greve geral e foi alvo de severas críticas por parte da igreja católica. Arnulfo Arias, que derrubou em 1968, lançou na segunda-feira um apelo à greve geral contra o general Torrijos, marcado para o fim deste mês. Por seu lado os bispos qualificam de «pouco representativo» o actual sistema de eleição à presidência que é indirecto. (FP)

● Eleições parciais na Guiana

CAYENNE — Os três candidatos da Frente Democrática, dirigida pelo partido socialista guianês (favorável a autonomia), foram eleitos no domingo passado em Cayenne durante uma eleição municipal parcial. Só uma lista foi proposta ao sufrágio dos eleitores. (FP)

● Morte de Doura Mane

PARIS — O actor senegalês Doura Mané, de 30 anos de idade, morreu no sábado passado em Paris vítima de um acidente de viação registado na noite de 4 para 5 do corrente em Libreville (Gabão), onde se encontrava a rodar o filme «Demain un Jour Nouveau», do realizador gabonês Pierre Mariedong, inspirado do livro «O reconciliador» do presidente Omar Bongo. (FP)

RATSIRAKA FELICITA ALI NASSER

ANTANANARIVO — presidente Didier Ratsiraka de Madagáscar enviou um mensagem de «vivas felicitações» ao novo presidente do Yémen do Sul, Ali Nasser Mohamed. Em nome da República Democrática de Madagáscar, do Conselho Supremo da Revolução do governo, Ratsiraka felicitou também o sucesso a Ali Nasser, meado recentemente por dirigir o Conselho Presidencial da República Democrática e Popular do Yémen do Sul. — (FP)

CONVERSACOES GISCARD-SIAD BARRE

PARIS — O presidente Giscard d'Estaing da França avistou-se novamente à tarde com o chefe de Estado somaliano, general Mohamed Siad Barre. Depois do almoço, que reuniu na terça-feira os dois chefes de Estado, e que teve carácter político, a conversação de ontem à tarde foi uma reunião de trabalho que incidiu essencialmente sobre os problemas de cooperação entre a França e a Somália. Todos os membros da delegação somaliana assistiram a esta reunião. — (FP)

CONFRONTOS NO PAIS BASCO

SAN SEBASTIAN — Confrontos de terça-feira em San Sebastian causaram um morto e vários feridos entre os manifestantes, sofreram violentas cargas da polícia, anunciou um comunicado oficial do governo civil, que afirmou que foram disparados tiros contra os polícias, durante o toque da caserna da rua Lapeta.

Por outro lado, estimativas oficiais da Guardia Civil espanhola anunciaram que 200 pessoas morreram e outras 600 ficaram feridas com a explosão de um míssil-tanque, ocorrida ontem perto do parque de campismo de Alfoques nas proximidades de Tarragona.

Todas as vítimas são estrangeiras, a maioria franceses e alemães, informou o comunicado da Guardia Civil. Esse balanço é preliminar, pois muitos dos feridos hospitalizados poderão sobreviver às sérias graves queimaduras. — (FP)

VOO COMUM SOVIETICO-AMERICANO

MOSCOVO — Os Estados Unidos e a União Soviética estudam um projecto de voo especial comum de uma estação orbital do tipo «Shuttle» e da nave americana «Shuttle», declarou ontem o cosmonauta soviético Vladimir Koubassov à agência Tass.

Telegramas de condolências

(Continuação da pág. 3)

Frente Polisário e Presidente do Conselho do Comando da Revolução da República Árabe Saharaui Democrática, do general Gnassingbe Eyadema, Presidente fundador da União do Povo Togolês e da República do Togo, de Gaafar Mohamed Nimeyri, da República Democrática do Sudão, de Félix Houphouët Boigny, da Costa do Marfim.

Do Primeiro Ministro das Ilhas Maurícias, Seewoosagar Ramgoolam e de Abdelha Charikhi, Ministro Conselheiro da embaixada da Argélia em Tunis.

Dirigiram igualmente telegramas à direcção superior do Partido e do Estado, Erich Honecker, Secretário-Geral do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha e Presidente do Conselho de Estado da RDA, Nicolae Ceausescu, Presidente da República Socialista da Roménia, Gustav Husak, Secretário-Geral do Comité Central do Partido Comunista checoslovaco e Presidente da República, Rudolf

Kirschlaeger, Presidente Federal da Áustria. Entretanto o Presidente do Sri Lanka enviou por sua vez, um telegrama de condolências à direcção do Partido e ao Governo.

Ainda enviaram mensagens, Willi Stoph, Presidente do Conselho de Ministros da RDA, Lubomir Strougal, Presidente do Governo da República Socialista da Checoslováquia, Houa Kouo-Feng, Primeiro Ministro da República Popular da China, Thorbjorn Falldin, Primeiro Ministro da Suécia.

Por outro lado, o Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim e Iraida Montalvo e Abdelrahman Elcharkaoui, respectivamente, Secretário-Geral adjunto da OSPAA e Secretário-Geral da OSPAA, dirigiram mensagens ao nosso Estado.

É de sublinhar, todavia, os telegramas dos nossos embaixadores e estudantes no estrangeiro, personalidades amigas, das diversas esferas da República irmã de Cabo Verde, das organizações de massas do PAIGC e de organismos estatais do país.

OUA: Conselho de ministros examina as questões do Zimbabwé, Canárias, Reunião e Próximo Oriente

Continuação da 1.ª página

conseguiram reunir as condições para um regulamento pacífico». A Frente pediu também ao conselho de ministros para lhe dar ajuda urgente solicitada por intermédio do Comité de Libertação e que adopte a resolução sobre o Zimbabwé proposto por este comité em Dar-Es-Salam.

Esta resolução estipula nomeadamente que a OUA «encorage a continuação da luta armada travada pela Frente Patriótica, único movimento de libertação no Zimbabwé».

Sobre a questão da ilha da Reunião, o porta voz da conferência, Peter Onu, declarou que «um certo número de delegações tinham considerado necessário fixar uma ordem de prioridade para os problemas de descolonização começando pelo Zimbabwé, Namíbia, África do Sul e Palestina, em vez dos territórios em que há um

movimento de libertação». Um comité encarregado de estudar a questão deste território do oceano Índico deve prosseguir as suas actividades para reunir as informações necessárias e apresentá-las à OUA.

A respeito das ilhas Canárias, Peter Onu informou que o problema da sua descolonização seria submetido à cimeira dos chefes de Estado da OUA. O comité da organização encarregado de uma missão de inquérito sobre esta questão deve prosseguir as suas actividades, tentando nomeadamente ir novamente no local, possibilidade que lhe tinha sido recusada pelas autoridades espanholas.

No que se refere ao problema do Próximo Oriente, o conselho de ministros da OUA reunido ontem, condenou a agressão israelita contra o Líbano e pediu um aumento da ajuda para o Egipto, para os países da primeira linha e para a OLP. (FP)

(Continuação da 1.ª)

a sociedade e derrubar o regime vigente».

«Foi assim que se descobriu e se desmantelou, em Março do ano em curso, uma rede subversiva interna telecomandada do exterior» — dizem as autoridades sãotomenses, que denunciaram, ainda, «ameaças de agressão por parte de

forças mercenárias, que violaram sistematicamente o nosso espaço aéreo e as nossas águas territoriais».

Com a assistência militar da República Popular de Angola, a situação parece ter-se estabilizado, no momento em que se encontra reunida a assembleia do MLSTP. — (Anop)

Questão da Namíbia
Novo encontro no Conselho de Segurança entre a Swapo e representantes ocidentais

LUANDA — Os representantes de cinco países ocidentais membros do Conselho de Segurança e da Swapo (movimento de libertação da Namíbia), concordaram ontem a noite em Luanda em ir perante o Conselho de Segurança da ONU «abrindo assim a via a um regulamento rápido e internacionalmente aceitável do problema namibiano».

Reunidos durante dois dias na capital angolana, as duas delegações — de um lado os Estados Unidos, a

França, Grã-Bretanha, o Canadá e a RFA tendo por porta-voz Donald Mchenry embaixador adjunto na ONU, do outro, 14 membros do comité central da Swapo, dirigidos por Sam Nujoma — chegaram a um acordo depois de discussões « francas e cordiais durante as quais «certas disposições das propostas dos cinco países ocidentais foram esclarecidas», segundo os termos do breve comunicado final.

As duas delegações indicaram por outro lado que tinham apreciado o papel e a hospitalidade calorosa do governo de Angola e a ajuda dada pelos representantes de outros países da «primeira linha», no feliz desfecho das conversações.

Não foram contudo precisados os detalhes das propostas, no que se refere à questão da baía Walvis e da localização das tropas racistas sul-africanas durante as eleições. (FP)

Aristides Pereira à France Presse

Continuação da pág. 1.ª

OUA está à altura de solucionar problemas entre países, pode-se dispensar uma tal força inter-africana».

Falando dos países vizinhos de Cabo Verde, em resposta a outras questões, o camarada Aristides Pereira disse que a cimeira da OUA teria que decidir definitivamente se há uma situação colonial nas Canárias e se o Movimento de Cubillo se identifica com a luta do povo contra uma tal situação. São estas as duas condições de reconhecimento pela OUA de um movimento de libertação.

Por outro lado, o camarada Aristides Pereira revelou que a Guiné-Bissau e Cabo Verde tinham a mesma posição sobre o Sahara, definida pelo PAIGC, que é de apoio à autodeterminação do povo saharauí. «Em aplicação deste princípio, Cabo Verde reconhece a Polisário como Movimento de Libertação e a Guiné-Bissau a República Saharaui como um Estado. Esta situação é a consequência normal do passado partilhado da Guiné-Bissau, que conheceu a guerra e uma situação próxima daquela da República Saharaui».

A terminar, o camarada Aristides Pereira declarou que Cabo Verde não tinha a intenção de atribuir grande importância aos movimentos separatistas dos Açores e da Madeira. «Jamais vi, acentuou, durante a luta de libertação do PAIGC, líderes dos Açores e da Madeira, como consistentemente vi os líderes de todas as colónias portuguesas. Só vimos estes líderes aparecerem depois da queda do antigo regime português, o que fez com que suspeitásemos deles. Não os apoiamos e estimamos que os habitantes destas ilhas são portugueses».

Polisário decide cessar-fogo temporário na Mauritânia

Continuação da 1.ª página

«Assim, prossegue a mensagem, face aos últimos acontecimentos na Mauritânia, foram dadas instruções ao Exército de Libertação Popular Saharaui para cessar momentaneamente as operações militares em território mauritaniano, como gesto de boa vontade e com vista a não aumentar a tensão». «A ocasião é também oferecida aos novos dirigentes na Mauritânia para reverem a posição do chefe de posto visto que é a única condição para qualquer transformação real na Mauritânia», conclui a mensagem.

Sabe-se já que o novo governo é formado de oito civis e oito militares. Por seu lado, o chefe de Estado actualmente no poder, tenente-coronel Mustapha Mohamed Saleck, numa entrevista concedida ontem, a alguns jornalistas estrangeiros, entre os quais o correspondente da AFP em Nouakchott, precisou que a iniciativa de um golpe de estado tinha sido tomada, há alguns meses por um grupo de oficiais mauritanianos, activamente encorajados por quadros civis, que «não queriam dar o seu aval na destruição física do país». «Tratou-se de uma operação estritamente

interna. Nem o Marrocos, nem outro país estava ao corrente», acrescentou o chefe de Estado.

A propósito da guerra do Sahara, Mustapha Ould Saleck declarou: «a transformação do país é provavelmente condicionada pela evolução do conflito. Com o Marrocos vamos, de certeza, estabelecer um calendário de trabalho para começar um processo que conduza à paz». No entanto, ao responder sobre a intervenção de «Jaguars» franceses na Mauritânia o presidente Ould Saleck desejou que ela seja mantida tanto tempo quanto for necessário. (FP)

S. Tomé: Três anos da independência

(Continuação da 1.ª)

a sociedade e derrubar o regime vigente».

«Foi assim que se descobriu e se desmantelou, em Março do ano em curso, uma rede subversiva interna telecomandada do exterior» — dizem as autoridades sãotomenses, que denunciaram, ainda, «ameaças de agressão por parte de

forças mercenárias, que violaram sistematicamente o nosso espaço aéreo e as nossas águas territoriais».

Com a assistência militar da República Popular de Angola, a situação parece ter-se estabilizado, no momento em que se encontra reunida a assembleia do MLSTP. — (Anop)

TELEGRAMA DE LUIZ CABRAL

Assinalando o terceiro aniversário da independência da República Democrática de S. Tomé e Príncipe o camarada Presidente Luiz Cabral enviou um telegrama de felicitações ao seu homólogo sãotomense Manuel Pinto da Costa. Luiz

Cabral referia o nosso desejo ardente de ver desenvolver-se as relações de amizade, solidariedade e cooperação no interesse dos dois povos irmãos, numa base de justiça, paz e dignidade.

Por outro lado, Victor Saúde Maria, Comissário de Estado dos Negócios Es-

trangeiros da nossa República, felicitou o chefe da diplomacia daquele país. No seu telegrama, o Comissário guineense afirma estar seguro de que o povo de S. Tomé e Príncipe, sob a orientação esclarecida do seu Partido de vanguarda o MLSTP, conseguirá novas vitórias no plano político, económico e cultural.

PORTUGAL:
CRISE NA COLIGAÇÃO

LISBOA — Diogo Freitas do Amaral, presidente do Centro Democrático e Social (CDS), está com «optimismo moderado» quanto à solução do diferendo que ameaça a coligação social-centrista portuguesa. O líder do CDS, que teve ontem conversações com Mário Soares, indicou aos jornalistas que encontrara, de um lado e do outro, a vontade de encontrar uma solução. Ele reafirmou, a este respeito, que o seu partido, que exige «uma profunda remodelação ministerial» e uma «melhor definição das tarefas prioritárias do governo» não pretende provocar a ruptura.

É principalmente a reforma agrária que se encontra em causa bem como o problema da indemnização das pessoas abrangidas pelas nacionalizações e o projecto de socialização da Medicina. No dia anterior, Freitas do Amaral expusera ao presidente da República portuguesa, Ramalho Eanes, a posição do seu partido perante as divergências surgidas no seio do governo, no decorrer de uma audiência de duas horas. A situação da aliança PS-CDS será examinada nos próximos sábado e domingo pelo secretariado nacional do PS. — (FP)

ELEIÇÕES IRREGULARES NA BOLÍVIA

LA PAZ — Vários membros da Comissão Internacional de Direitos do Homem, em visita à Bolívia, por altura das eleições gerais de 9 de Julho passado, protestaram em La Paz, contra as irregularidades que puderam constatar no decorrer do escrutínio. Segundo eles, as eleições bolivianas foram alvo de numerosas irregularidades tais como a ausência de boletins de voto para os candidatos da oposição, desvio de urnas eleitorais, intervenção militar nos locais de votação, violação do segredo de voto por controladores oficiais, atentados e acções violentas (entre os quais homicídios), ameaças de represálias contra membros de partidos políticos e as suas famílias. — (FP)

CONFUSÃO NA OPOSIÇÃO BRASILEIRA

BRASILIA — A oposição brasileira continua a ser vítima da confusão enquanto que o governo se esforça por introduzir no seio da maioria (Arena), o senador Magalhães Pinto, candidato dissidente à presidência, notavam ontem os observadores em Brasília. O general Hugo, antigo chefe do gabinete militar do presidente Geisel, agora na oposição, pediu antontem ao senador Pinto para tentar entender-se com o general Euler Bento de Monteiro no seio da Frente Nacional de Redemocratização que reagrupa os opositores ao regime militar. Mas este encontro, indicou-se em Brasília, não parece ter dado nenhum resultado. O senador Pinto recusa-se a deixar o general Euler Bento tornar-se o principal porta-voz dos opositores ao regime e a apoiar a sua eventual candidatura à presidência. — (FP)